

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

SINOPSE

Quando os pais saíram à noite, Cy ficou em casa com a avó. Em vez de ficar chateada, resolveu ir para a cama e ficar esperando o sono chegar. Foi então que a menina começou a imaginar uma viagem espacial cheia de descobertas. Seguindo as placas que indicavam o caminho entre as estrelas, percorreu vários lugares e conheceu muitos personagens extraordinários. Com belíssimas ilustrações de Alê Abreu, *Estrelário* certamente vai proporcionar às crianças aventuras divertidas com a companhia da simpática Cy e momentos bastante prazerosos de leitura.

PALAVRAS DO AUTOR

Nasci em Jaraguá, pequena cidade de Goiás, e era ainda bebê quando minha família se mudou para Goiânia. Tomei gosto por mudanças: morei em Brasília, Nova York, Paris, Lima (Peru), Rio de Janeiro e atualmente moro em São Paulo.

Já trabalhei como jornalista, redatora de publicidade, tradutora e editora. Atualmente, me dedico, sobretudo, a escrever para adultos, adolescentes e crianças. Gosto de dizer que o grande tema de meus livros, no fundo, é sempre um: o processo de transformação que nos acompanha desde que nascemos. Nós mudamos constantemente, o mundo também, e o ideal seria que cada um pudesse fazer sua parte para que essa mudança fosse sempre para melhor.

Quanto ao *Estrelário*, sua história nasceu em forma de roteiro para uma revista de quadrinhos. E como minha filha, Galiana, gostava muito da história, resolvi transformá-la em prosa.

Espero que as crianças gostem também.

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Alê Abreu
Formato: 20,5 x 27,5 cm
Número de páginas: 24
Coleção: *Sim, sim, salabim!*
ISBN: 978-85-385-2735-0
Indicação: A partir de 9 anos

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense — quando for o caso — a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem — o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. — para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.
O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.
- ◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 151-170.
Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.
- ◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.
Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.
- ◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.
De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).
- ◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.
O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Leve as crianças a conversar sobre o que sabem sobre estrelas. Estimule a turma a se manifestar, tecendo comentários, citando ou contando histórias que tenham ouvido ou lido e também apresentando informações científicas que eventualmente possuam. Pergunte aos alunos se conhecem alguns nomes de estrelas, de conjuntos de estrelas (constelações) ou de galáxias e se já viram estrelas cadentes. Se julgar conveniente, explique às crianças que são meteoros que pegam fogo no céu e que, por isso, emitem luz própria, parecendo estrelas caindo (riscando o céu).
2. Sugira aos alunos que, com base no título e na observação cuidadosa da ilustração que compõe a capa do livro, lancem hipóteses sobre o conteúdo da história que será lida. O que significa “estrelário”? Estimule a troca de ideias e também a consulta a dicionários. Chame a atenção para as figuras desenhadas com traços bem finos e para a garota retratada em cima de uma estrela. Será que essa menina é a personagem principal da história? Onde ela está? Como está vestida? O que está fazendo? O que pode ser visto ao redor dela? Peça aos alunos que folheiem o livro, observando as ilustrações e que, depois, leiam os textos de apresentação da autora e do ilustrador na última página.

DURANTE A LEITURA

1. Para passear entre as estrelas, Cy não precisou sair da cama. Pergunte aos leitores como isso foi possível e peça que encontrem no texto o trecho que revela isso claramente: “Cy fechou os olhos, imaginando que estava no meio do firmamento.” (página 7). Peça que as crianças comentem se também costumam fazer passeios assim, como o da protagonista da história.
2. Ao iniciar sua viagem, a primeira coisa que a menina viu foi uma seta de trânsito que indicava a Via Láctea. Será que existem setas no céu? E por que nesse céu podia haver uma seta? Sugira aos alunos que observem a figura da Via Láctea (página 6) e que deem opiniões sobre a comparação dessa galáxia com uma mulher gorda que dá mamadeira para as estrelas pequeninas. Se julgar importante, comente com os alunos que o nome Via Láctea deriva do latim (língua que originou várias outras línguas, dentre as quais o português) e que significa estrada de leite.
3. Proponha às crianças fazer uma leitura dramática do diálogo entre Cy e Sirius (páginas 11 e 12). Peça a elas que realizem, primeiramente, uma leitura silenciosa e individual do texto, atentando especialmente para alguns detalhes:
 - a repetição de vogais na fala de Sirius (“— É nootáavee!!!”, da página 11), que precisa ser lida de forma diferenciada, com extensão do som delas;
 - as reticências em algumas falas de Cy (“— É... É...”, da página 12), que precisam dar a ideia de continuidade (é interessante ler em voz alta para as crianças as frases que

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

apresentam esse sinal de pontuação, para que elas percebam bem qual é a entonação que deve ser empregada nesse caso);

as indicações de ações físicas e psicológicas (“Cada vez mais confusa, cada vez piscando mais, ela arriscou...”, “Sirius sorriu.”, da página 12), que podem ser treinadas em dois ou mais ensaios antes da leitura para a turma.

Oriente as crianças para que, ao fazer a leitura dramática, imaginem que estão dando vida aos personagens da história. Um aluno poderá ler os trechos do narrador; um outro, as falas de Cy; e um terceiro, as falas de Sirius. Depois dos ensaios, peça a eles que apresentem então a leitura dramatizada para os outros colegas.

4. Convide as crianças para dar um “passeio” pelas ilustrações. Que cor predomina nas imagens? Por quê? Leve-as a observar os desenhos de traços brancos e finos, a Via Láctea e as constelações, além de alguns objetos, como telescópio, livro, mamadeira e globo terrestre. O que representam esses pontinhos brancos que aparecem nas ilustrações?

DEPOIS DA LEITURA

1. Se possível, leia com as crianças o livro *Em boca fechada não entra estrela*, de Leo Cunha, que conta a história de Guta, uma menina que, assim como Cy, conversa com as estrelas. É só a noite cair para que Guta comece um bate-papo com as estrelas, até chegar o sono... Leve os alunos a estabelecer comparações entre esse livro e o *Estrelário*, apontando diferenças e semelhanças em relação a certos aspectos como linguagem, composição do texto (o de Leo Cunha está escrito em versos, com muitas rimas), acontecimentos das histórias e características dos personagens.

2. A filme de animação *Coraline e o mundo secreto* — baseada no livro de mesmo nome, de Neil Gaiman — possui elementos muito interessantes que podem ser relacionados com o *Estrelário*, de Maria José Silveira. Coraline, assim como Cy, possui bastante curiosidade e um certo “instinto de exploração”. As duas personagens são “transportadas” para mundos mágicos por meio pela imaginação, em momentos muito parecidos: a hora de ir para cama. Atente também para as diferenças: Coraline discute com seus pais, não aceita o fato de eles serem como são e deseja um outro mundo porque se sente infeliz com sua própria vida. Cy supera sua vontade de chorar quando os pais saem, recorrendo à imaginação para passar o tempo enquanto o sono não vem. Além disso, Cy não imagina uma família diferente, nem idealiza outro tipo de vida - ela apenas passeia por um universo fantástico, dialogando com seres que a fazem compreender melhor seu mundo.

3. Explore com as crianças os comentários da cobra sobre o jeito que cada um tem de falar, chamando a atenção, por exemplo, para estes trechos da página 17: “...é bonito o jeito que cada um fala porque cada boca fala diferente.”; “A minha palavra é diferente da sua porque a minha vida é diferente da sua. (...) por isso uma mesma palavra pode significar uma coisa para você e outra diferente para mim.”. Proponha aos alunos uma brincadeira: escrever no quadro uma palavra, pedir que cada um imagine o que aquela palavra lhe sugere e, depois, dar oportunidade para que cada criança comente o que pensou. É possível repetir essa brincadeira várias vezes, escolhendo outras palavras para apresentar à turma. Estimule a troca de ideias entre as crianças sobre os diferentes sentidos sugeridos por uma palavra.

ESTRELÁRIO



Maria José
Silveira

4. Depois de lerem a história, proponha à turma que faça uma pesquisa sobre as estrelas, as constelações e as galáxias citadas no texto: Sirius (é a estrela mais brilhante do céu e pode ser vista de qualquer ponto do planeta), Três Marias (grupo de três estrelas que aparecem uma ao lado da outra no céu), Cruzeiro do Sul (a menor de todas as constelações conhecidas), Via Láctea (galáxia onde se localiza o Sistema Solar), Cabeleira de Berenice (constelação cujo nome foi dado em homenagem à rainha Berenice, do antigo Egito, que possuía longos e belos cabelos).

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Lindsey Rocha